



PANTERAS NEGRAS

Jornal Mural | Quarta Feira, 28 de agosto de 2019 | Edição n°4
Email: contatopanterasnegras@gmail.com

Baratas são dignas de morte!

O Atlas da Violência 2019, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada- IPEA, aponta um aumento da violência letal contra a população negra e outros grupos no país nos últimos anos. Pergunto, valendo uma paçoquinha do “um real”: qual o grupo mais atingido por essa violência? Acertou quem disse homens jovens e negros*. Nada novo sob o sol. E o que também não é novo é o aspecto com que o racismo e o preconceito de classe têm se manifestado contra nós, negros e pobres: o aspecto da letra, da pena, da lei.

O absurdo dessa vez é o “pacote anticrime” proposto pelo ex-juiz e atual ministro da justiça Sérgio Moro, o qual pode aumentar ainda mais a violência policial ao permitir que policiais não sejam presos ou que tenham pena reduzida ao matar pessoas, desde que alegue “inescusável medo”, “violenta emoção” – tudo o que se espera que policiais competentes e treinados não manifestem ao exercer seu trabalho. Essa e outras particularidades desse “pacote”- fruto de uma preguiça de se pensar soluções eficientes para o “problema da segurança pública” e do desejo de sujeitar a população periférica- concedem oportunidades para que os dados relacionados à violência contra jovens negros, divulgados pelo IPEA**, aumente nos próximos anos; elas contribuem para que “enganos” cometidos pelo braço militar do Estado sejam ainda mais frequentes. O que mais preocupa não é o despreparo desses abutres, eleitos por uma parcela da população brasileira que agora assiste estarecida a retirada de seus direitos, mas sim o preconceito e o desprezo que os move.

O desprezo que figuras do atual governo, principalmente o presidente Jair Bolsonaro, demonstram por pessoas que vivem em situações de vulnerabilidade social e pessoas marginalizadas se manifesta em declarações de ódio e desinformação, além de ofensas desferidas sem o menor pudor. Afinal, se referir a seres humanos como “baratas” deve- na mente desses desgraçados que nos

governam- ser o suficiente para tirar-lhes a humanidade e permitir que sejam pisoteados e mortos, sem que a sociedade se revolte, perca o sono e encha as ruas com protestos por justiça.

**Recomendamos a leitura da reportagem intitulada Mães Que Esperam, de autoria de Milena Teixeira, publicada em 6 de agosto de 2019 na revista eletrônica AzMina, além da **análise do Atlas da Violência 2019, publicado pelo IPEA.*



Escrito por: **Ana Fidélis**

É com muita alegria e orgulho que anunciamos que, à partir desta edição, temos a colaboração do pantera Paulo, aluno do 4º período do curso de Publicidade e Propaganda, criando caricaturas dos editores, além de colaborar com seus muitíssimos talentos artísticos-intelectuais. Somos gratos, Paulo, bem vindo! Desejamos também as boas vindas à editora Estela, aluna do 2º período de jornalismo, você é maravilhosa, gratidão!

Nos acompanhem em nossas redes sociais:

Facebook: Grupo de Estudos Panteras Negras

Instagram: @grupodeestudospanteras

EDITORIAL

Este é o jornal mural do Grupo de Estudos do Movimento Negro Panteras Negras, da UEMG Passos.

Nesta edição, trazemos nossa revolta quanto ao verdadeiro genocídio o qual às famílias pretas periféricas estão expostas no Brasil e no mundo, seja no mais particular, como o desabafo do nosso novo cronista Butuco, ou documentado no Atlas da violência ou no tratamento da questão dado pela mídia.

Estamos nos muros do *campus* Passos ou circulando em pdf por aí, produzindo conteúdo de pretos feito para pretos, dizendo que estamos aqui, estamos de volta! E como canta Bia Ferreira:” nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai” Seguimos resistindo, principalmente pela memória dos nossos companheiros.

Equipe Panteras Negras

contatapanterasnegras@gmail.com

O mês de agosto foi marcado pela luta das mulheres. Nos dias 13 e 14 aconteceu a Marcha da Margaridas e do dia 9 ao dia 13 aconteceu a Marcha das Mulheres Indígenas. No dia 14 ambas as marchas se uniram mostrando ao povo brasileiro a força e a potência da união das mulheres brasileiras. Recomendamos a leitura do manifesto produzido pela Marcha Das Mulheres Indígenas, localizado no site da APIB- Articulação Dos Povos Indígenas Do Brasil.

Vozes-Mulheres- Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado rumo à favela.
A minha voz ainda

ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade



CRÔNICA

Utopia de pensamento

Por **Butuco**

Às vezes, fico pensando que não sou belx, inteligente o suficiente, até imprestável sabe?! E isso ocorre desde a quarta série. Mas de uns anos pra cá, veio se agravando. Passo noites em claro pensando na significância da minha existência, e viajo pensando em meus ancestrais e em minhas gerações futuras.

No primeiro grupo, fiquei pensando em tudo o que eles passaram, tudo o que lhes foi imposto, desde o momento da captura até o momento de sua morte, penso nos dias que passaram fome, nas humilhações sofridas, os castigos, no fato de ver seu semelhante sofrendo e não poder ajudar! Penso também na cultura que foi apagada de suas memórias para a inserção de uma cultura "superior", nas bases do país os quais nem fizeram questão de nos introduzir. Apenas nos jogaram, sem pensar onde ficaríamos, o que faremos para sobreviver somado a todos esteriótipos de relacionados a raça negra. Mas mesmo assim sobrevivemos. Nos tornando referência não só no esporte ou na música, mas também na literatura, estudos sociais, entre outras áreas.

Para o grupo do futuro, meus pensamento se tornam uma utopia. No momento que os jovens negros e periféricos não precisem temer sair de noite, ou portar algo sem a nota fiscal, quando nas novelas, filmes,

sua maior referência não seja um papel estereotipado, como um local onde a sociedade que vê, mas sim um papel de patrão, uma pessoa bem sucedida e que seus exemplos fora das mídias também sejam também semelhantes a esse jovens. Um futuro em que reconheçam que nem só de brancos é feita a história do país, que a carne preta deixe de ser a barata, que nossa beleza seja reconhecida, das diferentes maneiras. Quando a cultura antes subjugada, apagada, apropriada não seja explicada por alguém que a única ligação com aquilo são seus ancestrais que a destruíram, e seus avós com fetichismo em pretxs.

Para o presente, meus dias de alívio são os dias em que um preto periférico não foi baleado, não foi confundido com traficante. Quando não há notícias de que os nativos foram mortos por questões de terra, quando uma defensora dos direitos humanos não é brutalmente assassinada, quando uma família não tem seu carro alvejado por tiros, por "terem características similares a de bandidos". Quando celulares, furadeiras, guarda-chuva, não são tomados por armas, e por não terem achado ainda o alvo que eu e meus colegas, familiares carregamos.

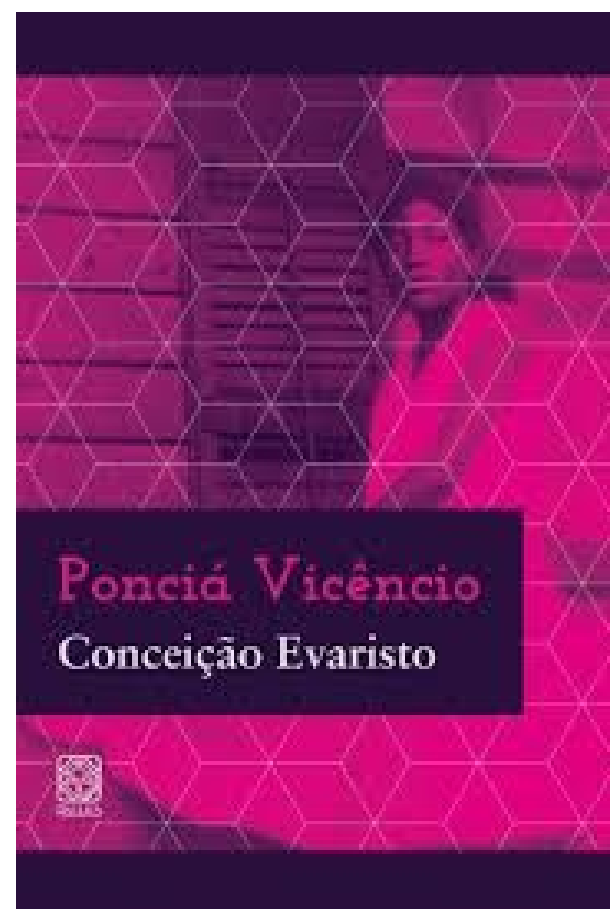
INDICAÇÕES

Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo.

O primeiro romance afro-brasileiro de Conceição Evaristo, lançado em 2003, narra a história de uma mulher negra desde a sua infância até a vida adulta, esta é Ponciá Vicêncio, que também dá título à obra.

Além de narrar suas dores, prazeres e relações familiares, a autora demonstra com bastante sutileza a identidade ancestral do povo negro, essa que muitas vezes insiste em ser coberta por diversas influências eurocêntricas.

Utilizando de simbolismos, a obra leva o(a) leitor(a) a mergulhar na vida e identidade de Ponciá.



Populações de países africanos à mercê da influência da mídia

É fato que a população do Zimbábue, Malawi e principalmente de Moçambique têm vivido em extremo caos diante da passagem do ciclone Idai por esses países no início de março, o ocorrido atingiu aproximadamente 600 mil pessoas ao todo, mais de 1 mil mortos, 4 mil casos de cólera e diversas doenças agravadas diante da catástrofe.

Sabe-se ainda que a precariedade é inestimável já que estão escassos os recursos mínimos para a sobrevivência dos atingidos, como água, comida e luz elétrica, além de dificuldade de acesso para prestação de socorro, e é nesse momento que o papel da mídia brasileira e talvez mundial, aparecem. A averiguação e importância ao fato, ou devo dizer, a ausência destas, se fez comum após o anúncio do desastre. Os grandes órgãos brasileiros de comunicação de massa como Folha de São Paulo, G1, Uol Notícias e Jornal O Globo trouxeram abordagens rasas, contendo somente números e informações embasadas em um olhar distante, ou seja, faltou humanização para com as vítimas e sobraram análises superficiais acerca do ocorrido.

O problema está na baixíssima ênfase que a mídia brasileira dá a notícias que dizem respeito ao continente africano em qualquer aspecto, ao se tratar de uma catástrofe natural que atinge o meio urbano, torna-se ainda mais complexo, pois se tem vidas em jogo, calamidade pública diante do fato. A partir disso surge a questão: vidas importam para a mídia? Mais precisamente, vidas NEGRAS importam?

Em específico, uma notícia do jornal O Globo lançada em 20 de março tem como título “Em Beira (2ª maior cidade de Moçambique), só se vê destruição e muita água”. E justamente só abordam isso, a situação crítica do local sob a visão de um coordenador, sem muitas certezas, e acima de tudo, sem informações sobre como enviar auxílios gerais aos atingidos, porém sabe-se do grande poder de influência da mídia para dar visibilidade e conseguir ajuda em desastres, tendo como exemplo o incêndio na catedral de Notre Dame que recebeu quase 3 bilhões de reais para reconstrução a partir de ricos doadores e as cidades atingidas em Moçambique estão necessitando de diversas “vaquinhas” online para alcançar um valor bem inferior aos 3 bilhões.

Toda essa questão fere a ética jornalística diante da preferência que se dá a temas mais elitizados, deixando de impulsionar a solidariedade e acentuando a injustiça e desigualdade social com povos que já herdaram diversas exclusões. Diante disso, fica nítido o fato de que a população moçambicana não está somente à margem dos estragos de um ciclone, mas também das preferências midiáticas.



Escrito por **Estela Costa Tiburcio**.

Liberdade para Preta Ferreira e para todos os presos injustamente

